

A pobreza também já chegou aos jovens

Têm mestrados, falam inglês, usam as redes sociais. Não têm trabalho. Quando têm, o dinheiro faz-se pouco até para o café. João, Tiago, Marco e Ana furam o manto que encobre a nova pobreza em Portugal. Eis as suas vidas em modo *low low cost*

Natália Faria

João dá aulas de História. Não almoça nem janta fora. Se o convite é para tomar um café, faz contas porque o que lhe pagam nem para isso dá. Tiago também se licenciou em História mas o máximo que conseguiu foi um emprego como operador de *call center*. Tinha contrato, emancipou-se. Foi despedido, voltou a casa da mãe. Olhem aqui um exemplar da geração bumerangue. A verdade é que sobrevive com os 419 euros do subsídio social de desemprego. Marco preparou-se para ser engenheiro florestal, acabou a trabalhar em *part time* numa loja de artigos de decoração: 300 e poucos euros por cinco horas de trabalho, tornou-se no rei do *tupperware* lá do centro comercial. Ana Luísa Soares anda há um ano a tentar entrar no mercado de trabalho. O grave é que, para efeitos estatísticos, apenas um destes jovens integra os 819,3 mil desempregados que o Instituto Nacional de Estatística (INE) contabilizou no final de Março. E, contudo, todos eles viram a sua vida reduzida à luta pela subsistência. São rostos de uma nova pobreza, aquela que o sociólogo Elísio Estanque há-de rotular mais à frente como “pobreza psicológica”, que só se livra da luta por comida e tecto porque (ainda) tem a família a almofadá-la.

Para percebermos a dimensão do problema, detenhamo-nos nos números do INE. Entre os desempregados oficiais e os 202 mil inactivos “disponíveis para trabalhar” e os 91 mil inactivos “desencorajados”, são já mais de 1,1 milhões os portugue-

ses que não conseguem um lugar no mercado de trabalho. E a novidade está também no facto de o desemprego e, consequentemente, a pobreza estar a alastrar a uma faixa etária que durante muitos anos lhe foi imune: a dos jovens, cuja taxa de desemprego, se nos ativermos aos que têm 15 e 24 anos, atinge os 36,2%. Na faixa imediatamente acima, dos 25 aos 34 anos, o cenário não é muito mais risonho: 16,9% de desempregados, o que dá um total de 380 mil jovens que espreitam o mercado de emprego sem conseguirem entrar. A estes somam-se os intermitentes, os que colecionam “mini-empregos”, os falsos recibos verdes. Serão para cima de um milhão.

Maioritariamente protegidos pela almofada familiar, estes “novos pobres” estão na antecâmara da luta pela subsistência. “Vivem uma espécie de pobreza psicológica”, enquadra o sociólogo Elísio Estanque. É uma pobreza letrada (vejam-se os 1,3 milhões diplomados do ensino superior de 2011 e compare-se com os 658 mil de há uma década), que não abdica da Internet, mas que, quanto à capacidade de emancipação e de planeamento de futuro, tem zero. “Estes jovens viram coarctados os seus recursos, a sua capacidade de emancipação, de procurar, de arriscar, e, sobretudo, o seu potencial de esperança. E a isso também se chama empobrecimento, sobretudo quando a retaguarda familiar se mostra também ela esburacada e frágil”, prossegue o sociólogo do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

“Se considerarmos que estes jovens deveriam dispor de auto-

nomia, em matéria de recursos, para viverem a sua vida, é naturalmente de pobreza que estamos a falar”, concorda Bruto da Costa. Para o economista e investigador na área da pobreza, resulta claro que, antes da crise, “a sociedade portuguesa reconhecia a estes jovens o direito à autonomia”. E foi isso que lhes foi tirado. Ficaram com as vidas em suspenso. E com a sensação de que não encaixam. Tanto que se puseram em saldo.

Ana e a vida interrompida

“Eu já estou disposta a praticamente tudo. Queria trabalhar, só isso”, desabafa Ana Luísa Soares, ao fim de vários minutos de entrevista. Tem 23 anos, uma licenciatura em História e um enorme ponto de interrogação quanto ao futuro. “Ando há um ano a mandar currículos e nem sequer me respondem”. E não é só para funções que tenham que ver com a sua formação. “Lojas, serviços administrativos, tudo. E mesmo os que me chamavam para entrevistas acabam sempre a dizer coisas do género “É demasiado nova, é demasiado qualificada, não tem experiência, não tem o perfil...”. Tanto que, ao fim de tantos dias de procura de emprego e nada, deu por si a acreditar: “Se calhar o problema é meu”. Dos *call centers*, o feedback que recebe dos amigos é que também estão a despedir. “Não consigo fazer nada do que tinha planeado. Eu já nem ponho condição de espécie nenhuma para conseguir trabalhar”.

O projecto de sair de casa dos pais assim que acabasse a licenciatura desabou. Em vez disso, ocupa as manhãs na Net em busca de emprego, as tardes a ajudar a mãe nas



DANIEL ROCHA



36,2

É a percentagem de jovens, entre os 15 e os 24 anos, que não conseguem entrar no mercado de trabalho, mas, por detrás desta estatística, a precariedade afecta mais de um milhão

tarefas domésticas. O pai, motorista, continua a financiar-lhe as despesas básicas e não só. “Queria poder comprar uma peça de roupa sem ter que lhes pedir nada. Já não sou propriamente uma adolescente”. As hipóteses de sair do país ou de, em alternativa, reforçar a formação com um mestrado em Gestão Cultural andam a marinar. “O meu problema é que para fazer qualquer uma dessas coisas tenho que pedir mais dinheiro aos meus pais e eu já devia estar em condições de me sustentar. É como se, de repente, a vida tivesse sido posta em suspenso ou interrompida...”.

Marco não liga o aquecedor

Marco Marques também já devia estar em condições de se sustentar. Mas não. Tem 28 anos, uma licenciatura e um mestrado em Gestão Florestal cuja dissertação lhe valeu um 19 e o máximo que conseguiu foi um *part-time* numa loja de artigos de decoração: cinco horas de

**João Vilela
e Ana Luísa
Soares: o
primeiro
tem um
emprego mal
remunerado, a
segunda nem
isso consegue**

e isso implicava que soubesse onde é que vou estar e quando é que vou ter folga dois dias seguidos”. Emigrar? “Seria desperdiçar a minha rede social: família, amigos, projectos. Não me apetecia perder coisas que levei anos a construir. E, por outro lado, acho que as coisas que estudei podem ser aplicadas cá”.

Tiago ficou preso em casa

“O que sinto é uma permanente sensação de que não valho o suficiente”, introduz Tiago Lemos Peixoto. Licenciado em História, despedido de um *call center* ao fim de 18 meses, há um ano e dois meses a viver do subsídio social de desemprego.

São 419 euros que acabam agora em Junho. “Aqui estou eu, disposto a dar o meu melhor. E o problema é que me estão constantemente a lembrar que o meu melhor não é suficiente. Isso tira-me, enquanto pessoa, todo e qualquer poder sobre o meu futuro”. Tem 33 anos, já tinha saído de casa dos pais, teve que voltar quando ficou sem emprego. Por isso, sim, pode-se-lhe colar o rótulo “geração canguru”. Os tais 47,6% dos jovens portugueses com idades entre os 25 e os 34 anos de idade que, segundo dados do Eurostat referentes a 2008, viviam em casa dos pais. Era já dos valores mais elevados da União

Europeia e neles não se conjugava ainda o factor crise. De então para cá, muitos dos que tinham arriscado a emancipação deram um passo atrás. De maneira que o que Tiago sente quando lhe vêm com rótulos do género “casinha dos pais” é raiva a crescer-lhe nos dentes. “Eu tenho 419 euros por mês e a minha mãe recebe uma reforma de 370 euros. O que fazemos, com muitas dores de cabeça e muita planificação orçamental, é dividir as despesas. Como se deve calcular, é a situação ideal para quem já tinha iniciado a sua própria vida...”, ironiza.

Depois de ter terminado a universidade, Tiago ainda tentou formar

uma revista de música. “O projecto caiu por terra e acabei por vender o trabalho que tinha feito a outras revistas”. Como é bilingue chegou a fazer traduções, mas a intermitência não lhe permitia arriscar nenhum futuro e, por isso, quando surgiu a oportunidade do *call center* agarrou-a: ordenado certo de 570 euros líquidos, oito horas de trabalho, já estava em desespero de causa”. Na altura, longe de imaginar que a situação poderia piorar. “Eles aplicam uma rotatividade absolutamente espantosa no pessoal. Vi há pouco uma foto de um jantar no emprego e reconheço nem dez →

trabalho, 300 e poucos euros por mês. Consegue viver porque tem a sorte de contar com a casa que os pais, reformados e regressados ao Norte, deixaram vazia nos arredores de Lisboa. Consegue viver porque o carro que herdou não sai da garagem. Porque o aquecedor eléctrico nunca foi ligado no último Inverno. Porque cortou nos jantares e, quanto aos almoços, só os que levava no *tupperware* para o emprego. Porque quando se sente “no limite da sobrevivência”, isto é, sem dinheiro para o supermercado ou para a conta da EDP, os pais ajudam.

No momento em que falou para o PÚBLICO, já sabia que tinha ganhado uma bolsa para um projecto de investigação. “Não sei quanto é que me vão pagar mas, de qualquer maneira, a bolsa só dura até ao final do ano”. A luta pela subsistência há-de, portanto, manter-se. “Não sei o que me vai acontecer em Janeiro, quando a bolsa acabar, por isso, mesmo que ganhe mais não vou poder ir ao cinema mais vezes porque posso estar hipotecar a minha capacidade de subsistência no futuro”. Quer isto dizer que, comprar roupa, só em *outlets* e só em saldos e “só quando é mesmo preciso”. Concertos e festivais, nem pensar. Telemóvel sim, mas sem nunca passar dos 12,5 euros/mês. “De preferência falo por SMS ou Skype”. Internet? “O pacote mais barato, com o mínimo de televisão e o mínimo de Internet”. Sair à noite, sim, “mas não é para beber copos, é para beber um copo e mesmo assim...”. Passear fora de Lisboa? “Gostava, mas não tenho mesmo dinheiro”. Nem com as *low cost*? “Só se comprasse a viagem com muitos meses de antecedência

TRABALHO PRECÁRIO

→ por cento das caras”. À notícia de que seria dispensado seguiram-se alguns meses de “prisão domiciliária”. “O subsídio demorou alguns meses a chegar e, de repente, fiquei sem vida social, sem poder sair, preso em casa mesmo, porque não tinha dinheiro. Cheguei a não ter dinheiro para comprar o passe”. Mesmo hoje, se o convidam para um café faz contas. “Forcei-me a viver num enorme zelo de privação. O dinheiro que tenho é para cobrir as despesas mais básicas e rudimentares: alimentação, luz, água. O que fica depois de tudo isso é uma ansiedade muito desgastante porque, mesmo que surja alguma coisa, como agora um trabalho temporário de redacção de alguns textos para um festival de Verão, não consigo aproveitar o pouco que tenho com medo do futuro”.

Quem assim fala, recorde-se, já tinha vivido fora de casa dos pais. Tinha hábitos de consumo. Sair à noite, jantar. “Cheguei a ir a um festival de música na Alemanha. Visitei os Estados Unidos, Londres...”. Agora, nem livros. “Só se forem em inglês, os da Penguin, que custam sete ou oito euros”. Há cinco anos que não sai do país. A última viagem que fez foi, no fim-de-ano, a Ponte de Lima. “Tirando isso, não viajo. Na minha cabeça, tudo isso passou a estar associado a um conceito de luxo”. É a vida reduzida à luta pela subsistência. “Eu e a minha mãe temos a enorme sorte de a casa já estar paga, mas não estamos longe da tal pobreza envergonhada – eu diria mais estigmatizada, porque é assim que me sinto –, a noção de que, se a mínima coisa falhar, não estou longe de ter que ir bater à porta de uma instituição de solidariedade social é algo com que vivo todos os dias e que me vulnerabiliza”. Por isso é que os discursos sobre viver acima das possibilidades e empreendedorismo e oportunidades o ferem como insultos. “É um discurso que parece querer culpabilizar as pessoas. E isso é de uma violência tal, numa pessoa que sente que já recuou tudo o que tem para recuar, que manda currículos e que não tem resposta...”. Emigrar? “Já equacionei, já desequacionei, já voltei a equacionar. Mas isso devia ser uma escolha, não uma obrigação. Se for, sei que me vou sentir exilado”.

João tem férias à força

A João Vilela os discursos sobre emigração também fazem ricochete. “Esta história agora do ‘Não estás

bem, emigra’ é inqualificável. Parece que emigrar passou a ser uma escolha tão normal como atravessar a rua. Não é. Tenho familiares que emigraram para França nos anos 60 e aquilo eram mães a chorar, filhos a chorar, era traumático. Dizer para as pessoas emigrarem, porque o que espera o país são medidas de austeridade tão extremas que atiram uma série de pessoas para uma situação de pobreza, era uma coisa que nem Salazar fazia”, compara, consciente do exagero da comparação. Tem 24 anos, licenciatura em História e “a enorme sorte” de trabalhar naquilo para que se preparou: dá aulas de História. O problema é que trabalha e nem



A noção de que, se a mínima coisa falhar, não estou longe de ter que ir bater à porta de uma instituição social é algo com que vivo todos os dias e que me vulnerabiliza



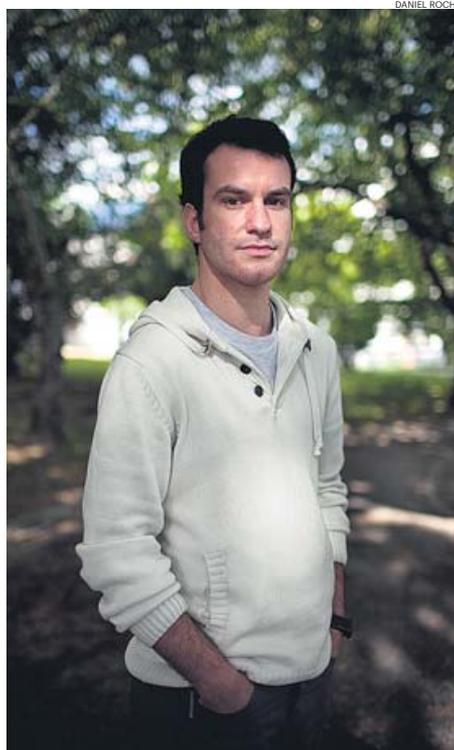
Tiago Lemos Peixoto
Desempregado

sempre recebe. “Dou 11 aulas por semana a quatro turmas numa escola profissional e, este ano, estou a receber cerca de 800 euros por mês, mas só me pagam de três em três meses. Não, não pagam 2.400 euros por trimestre. A cada três meses, recebe 800 euros. Do género, “o mês de Setembro é pago em Dezembro, o de Outubro em Março. No final, quando fico com três meses a haver e isto é assim porque, segundo me dizem, têm que mandar os comprovativos do pagamento para o POPH do QREN, essa entidade esquisita que analisa em detalhe cada despesa e que pode demorar meses”.

Não tem contrato. “São recibos verdes, tenho horário, chefia, local de trabalho mas não tenho vínculo”. Todos os anos é forçado a tirar férias pelo menos quatro vezes: “Carnaval, Páscoa, Verão e Natal, mandam-me para casa mas não me



DANIEL ROCHA



DANIEL ROCHA

Tiago Lemos Peixoto (em cima) e Marco Marques (ao lado) não conseguem suportar as despesas básicas

pagam”. Vive com a mãe, empregada numa farmácia, numa casa que é quase uma cave no Porto. Vai à Internet, tem Facebook e plantinhas no Farmville. Ao cinema, muito raramente. Jantar fora de casa quase nunca. Para tomar café, faz cálculos de cabeça. “O mais normal, quando me convidam, é dizer ‘Vou contigo mas não tomo’”. Férias, “só de metro até à Póvoa de Varzim”.

Não queria ir muito mais longe do que isso. Nem roupas de marca, nem “hábitos de consumo espetaculares” que, aliás, nunca teve, sequer queria um iPhone. Queria um salário certo pelo trabalho que faz. “Não me venham dizer para me fazer à vida porque à vida faço-me eu. Levanto-me todas as manhãs para ir trabalhar. O problema é que chega o fim do mês e muitas vezes não recebo”. Queria uma vida normal. “Poder ter uma casa minha, um carro meu, sair de casa para tomar um café quando me apetecesse. O raio que parta, ninguém vive bem a ter que andar constantemente a contar cada centímo que gasta porque não sabe muito bem quando vai receber o salário seguinte”. Paga 27 euros para ter Internet em casa, cinco euros para o telemóvel e nem mais um centímo. “É um luxozinho, que só é possível porque vivo com a minha mãe. Não fosse eu ter começado a contribuir para algumas das despesas cá de casa, é como se não tivesse deixado de ser estudante. E, sim, eu pensei que, quando começasse a trabalhar a minha vida ia mudar um bocadinho”. Gostava de poder mudar-se antes dos 30, mas a verdade é que é absolutamente incapaz de perspetivar onde estará daqui a seis anos. “Ou arranjo qualquer coisa – e não sei o quê, nem onde nem como – ou emigro. Tenho cinco ou seis amigos a viver em Londres, onde até há uma procura grande de professores, por causa da [Margaret] Thatcher que há uns anos cortou o financiamento às universidades à maluca, mas, parecendo que não, é cá que tenho a minha vida. E voltámos ao início da conversa. “Emigrar não pode ser a única saída que se apresenta às pessoas. Em nome de quê é que me mandam para um sítio onde está nevoeiro o tempo todo, onde as pessoas bebem chá e falam com sotaque esquisito? Essa tentativa de normalização da emigração não tem sentido e irrita. Porque o que estão a fazer, na verdade, é a escorregar as pessoas do seu país”.



Os jovens não foram sociabilizados para terem no emprego um “imperativo moral” como aconteceu nas gerações anteriores

“O desemprego é tão comum que os jovens já não o sentem como estigma”

Joaquim Coimbra sustenta que o trabalho como valor de troca vai desaparecer e que esta crise deveria servir para nos pôr a discutir um novo paradigma social

Entrevista Natália Faria

Joaquim Luís Coimbra, 57 anos, docente da Faculdade de Psicologia e Ciências da Universidade do Porto, tem baseado a sua investigação na área do desenvolvimento psicológico e social dos jovens e na educação e formação de adultos. Sustenta que os jovens não estão deprimidos com o desemprego porque, ao contrário dos mais velhos, não foram sociabilizados para terem

no trabalho um “imperativo moral”. E lembra que, sob a actual crise social e económica, se esconde outra, mais funda e que, mais cedo ou mais tarde, nos há-de obrigar a repensar a nossa relação com o trabalho sob a forma de emprego com valor económico.

O Eurostat diz que a taxa de desemprego jovem em Portugal chegou aos 36,6%. Os jovens estão deprimidos?

Preocupados, com certeza, mas não diria deprimidos. Essa associação geral entre desemprego e um humor mais depressivo

e mesmo depressão verifica-se com pessoas da meia-idade e por aí adiante. Os jovens não estão deprimidos, até porque têm o apoio das redes sociais e da família, e, por outro lado, o desemprego é tão comum, tão normativo entre eles que não o sentem como um estigma. Nas gerações mais velhas, sim, estar-se desempregado é estigmatizante e desqualificante. **Se considerarmos que a maioria das pessoas se baseia naquilo que faz para construir a sua identidade pessoal e social, que peso tem o “efeito desemprego” na forma como os jovens se**

relacionam socialmente?

De facto, uma base da construção da identidade – pessoal e social – nas nossas sociedades é a nossa relação com o trabalho. Mas, contrariamente àquilo que se pensa, esta relação com o trabalho, como forma de emprego e de actividade produtiva, não é uma variante da história da humanidade: é uma invenção do século XIX. Já nem me refiro ao facto de o trabalho ser um objecto de profundo desprezo na Grécia Clássica e na cultura romana, nas quais aos cidadãos competiam actividades nobres, da relação

com as artes, com a filosofia e com o governo das cidades. Foi a I Revolução Industrial que nos transformou em trabalhadores produtivos e em empregados sob conta de outrem. Mas agora surgem fenómenos novos que têm a ver com a globalização e com uma nova divisão mundial do trabalho e da produção. Esta profunda crise europeia também se deve à perda de capacidade competitiva da Europa em relação a outras economias emergentes do planeta e a Europa não vai continuar a produzir e a ser competitiva nas áreas em que tem sido até agora. Portanto, esta divisão do trabalho, da economia e da produção origina desemprego para os nossos lados. Além disso, convém lembrar – e isso é das poucas coisas que podemos tomar como certas – que o desenvolvimento da tecnociência é imparável e permite produzir cada vez mais bens e serviços com cada vez menos trabalho humano. E isso, a constatação de que não vivemos em sociedades de pleno emprego, é algo que estranhamente está fora do discurso político, o que não ajuda as pessoas a encontrarem uma nova forma de acomodação na sua relação com o trabalho. **Deveríamos estar a aproveitar esta crise para procurar um novo paradigma?**

O que deveríamos estar a questionar é a continuação do trabalho como valor de troca, sob a forma de emprego com valor económico. Claro que nem se põe em causa a necessidade de políticas activas de emprego, mas não nos podemos esquecer que, mesmo quando houver uma retoma e um crescimento do PIB, isso não se vai traduzir nas expectativas clássicas de criação de emprego. A produtividade de hoje é o triplo da que era nos anos 1970! E não podemos continuar a ignorar que as nossas sociedades se tornaram estruturalmente excludentes, isto é, para se manterem neste equilíbrio precário, produzem cada vez mais lixo social e cada vez mais exclusão que está a atingir cada vez mais camadas da população. Os jovens, por exemplo, não eram tradicionalmente uma camada da população que fosse atingida por isto. E, voltando um pouco atrás, lembro-lhe que a nossa relação com o trabalho, embora

“ As causas mais profundas [da crise] vão permanecer e essas têm a ver com o facto de não precisarmos de tanta gente no emprego”

seja básica e fundamental na construção da nossa identidade, também já se alterou há muito tempo. Há quase 100 anos, o colapso do sistema financeiro, naquela sexta-feira negra de 1929, levou a uma crise económica e social profunda, tanto na América como na Europa, que acabou por estar na base da II Guerra Mundial. E essa crise, mais do lado norte-americano, teve uma resolução bastante rápida, tão rápida que, durante a II Guerra Mundial, passado pouco mais do que uma década, os americanos estavam a salvar a Europa da sua própria autodestruição e, depois, a financiar a sua reconstrução. Portanto, a crise resolveu-se muito rapidamente na América do Norte e teve três protagonistas importantes: o presidente Roosevelt, [John] Keynes, como

economista, e [Henry] Ford, como empresário. Ora, Ford, para além de ter aderido ao apelo de Roosevelt para aumentar o salário dos trabalhadores em plena crise, pensou uma coisa do género ‘Os operários da minha fábrica têm que ter capacidade para comprar o produto que fabricam’, o Ford T, e, de facto, o valor de produção baixou de tal maneira que os operários se tornaram capazes de comprar o automóvel. E isto é simbólico, mas não é só simbólico, porque foi aí que passámos do estatuto de trabalhadores para o de consumidores. Hoje em dia, e para voltar à questão dos jovens, é mais importante estar dentro do circuito do consumo do que do trabalho.

Mas a que saídas podem os jovens aspirar?

Essa questão tem a ver com as

determinantes mais imediatas da crise, que é capaz de se aliviar um pouco dentro de alguns anos. Mas as causas mais profundas vão permanecer e essas têm a ver com o facto de não precisarmos de tanta gente no emprego. Julgo que poderemos chegar a um ponto, não sei se daqui a 20, se daqui a 100 anos, em que apenas 10% da população será necessária para prover todas as necessidades de bens e serviços. É um bocado como naquela representação da unidade produtiva do futuro, que funciona 24 horas por dia, 365 dias por ano, controlada electronicamente e que tem como mão-de-obra um engenheiro e um cão, e o cão é para impedir que o engenheiro faça alguma coisa. Isso é anedótico, mas dá-nos a representação do que é que pode ser um futuro em

que a humanidade se libertará da condição de ter que lutar diariamente pela sobrevivência, e em que trabalharemos não para o negócio mas para o ócio. Isto é especulativo, mas parece-me mesmo que, mais tarde ou mais cedo, teremos que estar a repensar todas as bases em que a nossa sociedade está organizada. **Até lá como é que esta geração se encaixa?** Com muitas dificuldades, com muitas adversidades, com muita escassez de oportunidades, os jovens vão encontrando maneiras de lidar com isto de forma criativa. Claro que a transição da formação para o emprego é muito mais lenta, passa por muito mais vicissitudes, é um itinerário feito de muitas mais descontinuidades e alternâncias, mas os jovens vão-se integrando. E na psicologia

destes jovens adultos não há sinais de que haja mais insatisfação. Eles têm consciência dos problemas, evidentemente, mas também têm consciência das potencialidades. É a geração mais qualificada de sempre e, portanto, a mais equipada. Mas não quero cair na leviandade do discurso sobre o empreendedorismo a qualquer custo, porque o que se passa é que estes jovens com qualificações de nível superior vêm-se muitas vezes obrigados a aceitar propostas muito precárias e até insultuosas de vencimentos de 400 euros. E não vemos políticas activas de emprego nem nada que promova um capital de esperança para que estes jovens continuem a persistir na procura de um emprego estável, mas, enfim, dá-me a ideia de que a sensatez deles é superior à dos nossos políticos.